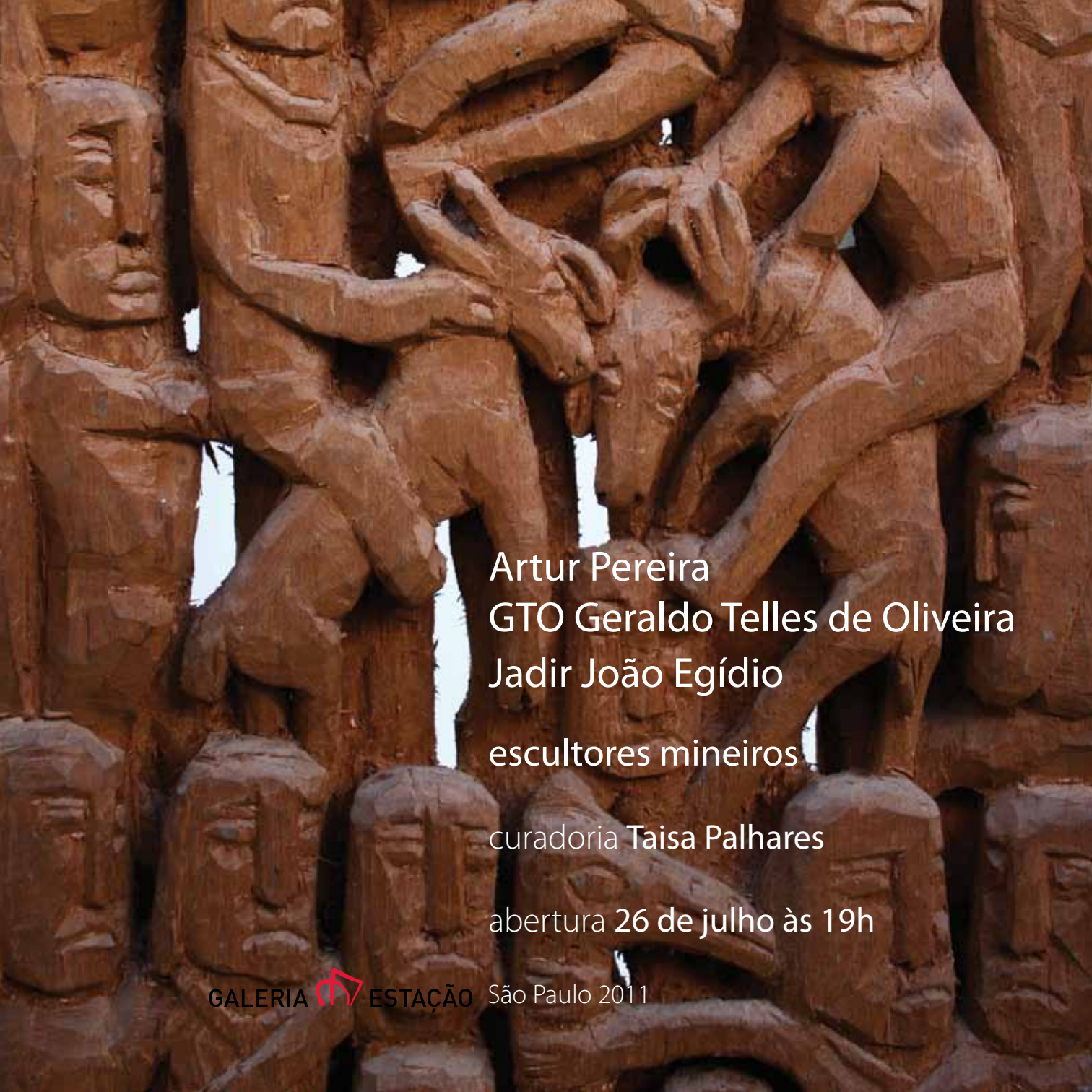
Artur Pereira
GTO Geraldo Telles de Oliveira
Jadir João Egídio

escultores mineiros

Artur Pereira | GTO | Jadir João Egídio escultores mineiros

GALERIA ESTAÇÃO 2011



Artur Pereira
GTO Geraldo Telles de Oliveira
Jadir João Egídio

escultores mineiros

curadoria **Taisa Palhares**

abertura **26 de julho às 19h**

GALERIA ESTAÇÃO São Paulo 2011

Artur Pereira
Madeira
139 x 29 x 26 cm

Escultores Mineiros

Dos três escultores mineiros que mostramos nesta exposição, Artur Pereira, GTO e Jadir João Egídio, somente o último está vivo e trabalhando. Jadir é conterrâneo, da cidade de Divinópolis, do GTO – Geraldo Telles de Oliveira. O único deles que tive o privilégio de conhecer foi o Artur Pereira, de Cachoeira do Brumado. Foi em uma deliciosa viagem que fiz no final dos anos 80 com meu sócio à época, querido amigo e mestre, Paulo Vasconcellos, com quem tive minha primeira galeria de arte. Fizemos naquele momento uma importante mostra do seu Artur, escultor predileto de outro escultor mineiro, Amilcar de Castro. Como não poderia deixar de ser, foi um grande sucesso!

Mais recentemente, em 2009 e 2010, o Instituto Moreira Salles organizou uma exposição individual do mesmo seu Artur – itinerante, com a curadoria do crítico e professor de história da arte Rodrigo Naves. Acompanhei a mostra em alguns lugares e testemunhei a admiração e a frustração do público por não poder adquirir peças expostas. Foi quando tive a ideia de mostrar os três artistas em uma exposição comercial, desta vez com a curadoria da Taisa Palhares, uma das curadoras da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Sobre o GTO, não tenho ideia de quando e onde foi feita sua última exposição. Já que sou apaixonada também pelo trabalho dele e vou comprando todas as melhores esculturas que caem nas minhas mãos, senti que a oportunidade de mostrar os três artistas juntos seria mais do que adequada.

O Jadir teve em 2010 uma mostra em uma galeria paulistana. As obras desse grande escultor mostradas aqui são na maioria dos anos 70 e 80, e pertenceram à importante colecionadora mineira Celma de Albuquerque, a quem agradeço por, já naquela época, enxergar, colecionar e divulgar a obra desses ícones da escultura popular mineira.

Vilma Eid

GTO
Madeira
74 x 46 x 29 cm

A alma, o olho a mão: três escultores mineiros[1]

Taisa Palhares

A observação de um artista pode atingir uma profundidade quase mística. Os objetos iluminados perdem os seus nomes: sombras e claridades formam sistemas e problemas particulares que não dependem de nenhuma ciência, que não aludem a nenhuma prática, mas que recebem toda sua existência e todo o seu valor de certas afinidades singulares entre a alma, o olho e a mão de uma pessoa nascida para surpreender tais afinidades em si mesma e para as produzir.

Paul Valéry

Desde o primeiro contato que tive com as criações de Artur Pereira (1920-2003), GTO (1913-1990) e Jadir João Egídio (1993), chamou-me a atenção a acuidade de suas respectivas expressões plásticas. Suas esculturas sugerem a intimidade de uma relação que se constrói a partir da observação contínua, lenta e acumulativa das coisas e do mundo.

Ao reuni-los na mesma exposição, buscou-se explorar, mediante o duplo exercício de aproximação e distanciamento, a singularidade de suas complexas esculturas compostas. Enquanto tais, essas peças sinalizam a existência

de uma tradição que, sem propriamente constituir uma escola, de certo modo encontra-se ancorada na cultura regional desses artistas, que, não esqueçamos, apesar de não possuírem educação formal em arte, conviveram com um patrimônio artístico considerável. Não por acaso eles pertencem, segundo a crítica especializada, a um grupo seleto de mestres populares da escultura em madeira.

Percebem-se neles as marcas da inventividade de uma cultura híbrida, na qual o homem e a natureza, as dimensões espirituais e terrenas da existência, encontram-se em profunda simbiose. É quase impossível decifrar o sentido de suas composições sem conhecer o universo de referências que constituem as comunidades às quais pertencem. Como trabalhadores que dedicaram parte de suas vidas à lida no campo ou a ofícios manuais, e que no tempo livre participam das atividades religiosas comuns a diversas comunidades, com seus festejos e rituais, suas obras são impensáveis sem essa experiência. Vale dizer que, diferentemente de algumas proposições muitas vezes carregadas de artificialismo da arte dita "contemporânea", eles realizam de fato a continuidade entre a arte e a vida, entre indivíduo e coletividade, a ponto de restituírem sem proselitismos o potencial criador de todo homem.

É notável a destreza na maneira como cada um deles trabalha com a madeira em suas complexas peças. Os três esculpem a partir de blocos inteiriços que mesmo depois de entalhados conservam algo de sua forma original. O que à primeira vista pode parecer banal, mas que na verdade revela um sentido estético especial. Pois não é difícil imaginar quão diferentes elas seriam se fossem constituídas pela junção de partes separadas, mesmo que perfeitamente encaixadas.

O que parece estar em jogo aqui é uma noção de unidade da e com a matéria, em que a madeira bruta é trabalhada a partir de formas que ela contém em si e

Jadir João Egídio
Madeira
214 x 48 x 11 cm

sugere ao artista. Neste sentido, tudo no caso dessas grandes peças, do formato aos aspectos particulares da superfície, resulta de uma relação de respeito mútuo entre o criador e seus monoblocos.

***

Artur Pereira iniciou sua trajetória esculpindo em barro figuras isoladas de bichos. Nascido e criado em Cachoeira do Brumado, Minas Gerais, seu primeiro conjunto foi uma caçada, e logo depois ele esculpiu um presépio pequeno em cedro. A partir de então, passa a trabalhar nos blocos maciços de madeira macia complexas composições baseadas em sua experiência da vida rural.

Bichos, árvores, plantas, caçadores, vaqueiros, boiadas fazem parte do imaginário de suas esculturas compostas, cuja elaboração origina colunas vazadas e galhadas. Nelas reconhecemos o mesmo desenho sintético de volumes robustos e arestas arredondadas de suas peculiares figuras unitárias.

Em suas esculturas de conjunto, predomina uma integração quase total entre as partes do todo, mas sem que cada figura perca um forte sentido de individualidade, como mostra uma das pequenas colunas presentes na exposição. Seu ritmo espiralado em ascensão ordena o sentido da composição.

No entanto, para que alcance este efeito o artista não lança mão, como é comum a muitos criadores populares, de uma repetição infinita das mesmas partes. Ao contrário, ao caminharmos em volta desta peça, percebemos que uma face nunca é igual a outra e que neste concerto cada animal em sua singularidade possui um papel.

Artur Pereira
Madeira
81 x 45 x 50 cm

Sobretudo nas galhadas, há uma interessante variação no tamanho dos bichos, gerando a inversão da ilusão da perspectiva tradicional. Os felinos que se encontram no topo dos galhos são em geral estranhamente maiores do que os animais e seres humanos que se encontram na base, evidenciando uma estranha relação assimétrica altamente expressiva.

Neste sentido, pode-se afirmar que o universo encaixado[2] de Pereira conserva a abertura de múltiplos arranjos, revelando um olhar generoso que não buscava representar o mundo natural a partir de uma hierarquia estanque.

De maneira simples e singela, ele esclarece sobre a extrema unidade que orientava seu modo de proceder:

> *Nunca aconteceu de eu terminar uma peça diferente do que pensei. Termino do jeito que veio na cabeça. Não modifico. Se vier outra coisa na ideia eu pego outra peça e faço aquilo que tô pensando, que veio na ideia. Mas aquela que eu comecei eu tenho que arrematar*[3].

Há nestas palavras uma noção de indivisibilidade tanto da imaginação quanto da matéria, sendo que a primeira não pode se efetivar sem o concurso da segunda. No seu caso, escolher o bloco "errado" significaria pôr em risco a ideia imaginada, visto que sua concretização depende da completude e inteireza do fazer. Com sua inteligência arguta, Pereira vislumbra nas peculiaridades formais da matéria bruta, com seus troncos e suas ramificações, a possibilidade de novas composições que, ao mesmo tempo, mimetizam e recriam a natureza.

É também essa concepção de um mundo indiviso e simultaneamente múltiplo que parece animar as esculturas de GTO e Jadir. Como artistas que desen-

GTO
Madeira, detalhe
163 x 43 x 40 cm

volveram seus respectivos trabalhos na cidade de Divinópolis, Minas Gerais, há em primeiro lugar uma proximidade efetiva entre eles, que, diferentemente de Artur Pereira, costumam se dedicar com quase exclusividade a motivos religiosos – ainda que esses se constituam como uma mistura entre elementos do catolicismo, dos mitos indígenas e da cultura afro-brasileira[4].

Tendo iniciado sua carreira como escultor a partir de uma "revelação" em sonho, GTO via na atividade artística uma espécie de missão divina. E, na engrenagem peculiar que interliga os planos terreno e espiritual, a figura humana teria um lugar de destaque. Por isso, suas esculturas vazadas se formam a partir de uma rica trama humana que exprime uma visão de mundo cosmogônica na qual paraíso e inferno surgem como lugares em constante mutação.

A reincidência de determinados elementos em suas esculturas nos faz acreditar no conhecimento, mesmo que inconsciente, de uma simbologia ancestral. A união de círculos – em si emblema poderoso do tempo e da completude, além de representar o mundo espiritual e o cosmos nas mais diversas culturas – é a estrutura marcante que caracteriza as peças de GTO. Vistas de longe, elas remetem às curvas e arabescos ornamentais de uma importante tradição oriental antiga que, diante da proibição de representar seres humanos, foi capaz de jogar com todo um leque de padrões e formas decorativas inspiradas pelo mundo natural a fim de expressar a experiência do sobrenatural.

A meio caminho entre homens e linhas, a rede humana que preenche e liga as rodas vivas de GTO transmite aquela expressão de unidade que, de resto, é constituinte da espiritualidade do próprio artista. Mas cabe notar que também ele foge da ideia de absoluta simetria. Ao observar essas peças de

ângulos diferentes, percebe-se uma variedade de posições e cenas que muitas vezes passam despercebidas ao olhar desatento.

Dentro de uma estrutura até certa medida repetitiva, o artista dá forma a uma grande multiplicidade de acontecimentos. O que faz com que as delicadas esculturas vazadas de GTO conservem uma poderosa força centrífuga, capaz de tensionar aquilo que poderia se transformar em uma totalidade por demais apaziguada.

No caso de Jadir, algumas vezes a repetição hiperbólica de imagens semelhantes chega a comprometer a grandeza de suas peças. Entretanto, em geral o talhe seco e vigoroso recupera para a superfície de suas colunas compactas a potência enérgica e concentrada de sua ação. O corte adquire assim uma função plástica primordial, na medida em que restitui para o observador a tensão criativa de seu fazer.

Como no caso de Artur Pereira e GTO, também ele produz seus trabalhos a partir de monoblocos maciços que são esculpidos igualmente de todos os lados, alcançando um jogo afinado de encaixes, cujo fundamento encontra-se na interdependência das partes do conjunto. No entanto, ao produzir menos espaços vazados do que os outros artistas, suas peças revestem-se da aparência pesada de esculturas monumentais.

O caráter hierático de suas obras, muitas vezes manipuladas em forma de relevo, indica afinidades com os traços austeros da arte românica. Raramente Jadir trabalha a dimensão tridimensional das figuras. Por isso, apesar de lidar com a madeira, em alguns momentos sua matéria alcança a dureza e a resistência da pedra, material típico dos artistas daquele período.

Uma certa despreocupação realista permite que ele disponha as imagens, como fizeram primitivos artistas anônimos, a partir de intricados critérios sim-

bólicos e ornamentais. Essa liberdade o emancipa da necessidade de imitar o mundo natural, habilitando-o a transmitir com mais vivacidade um sentimento dramático do sobrenatural.

notas

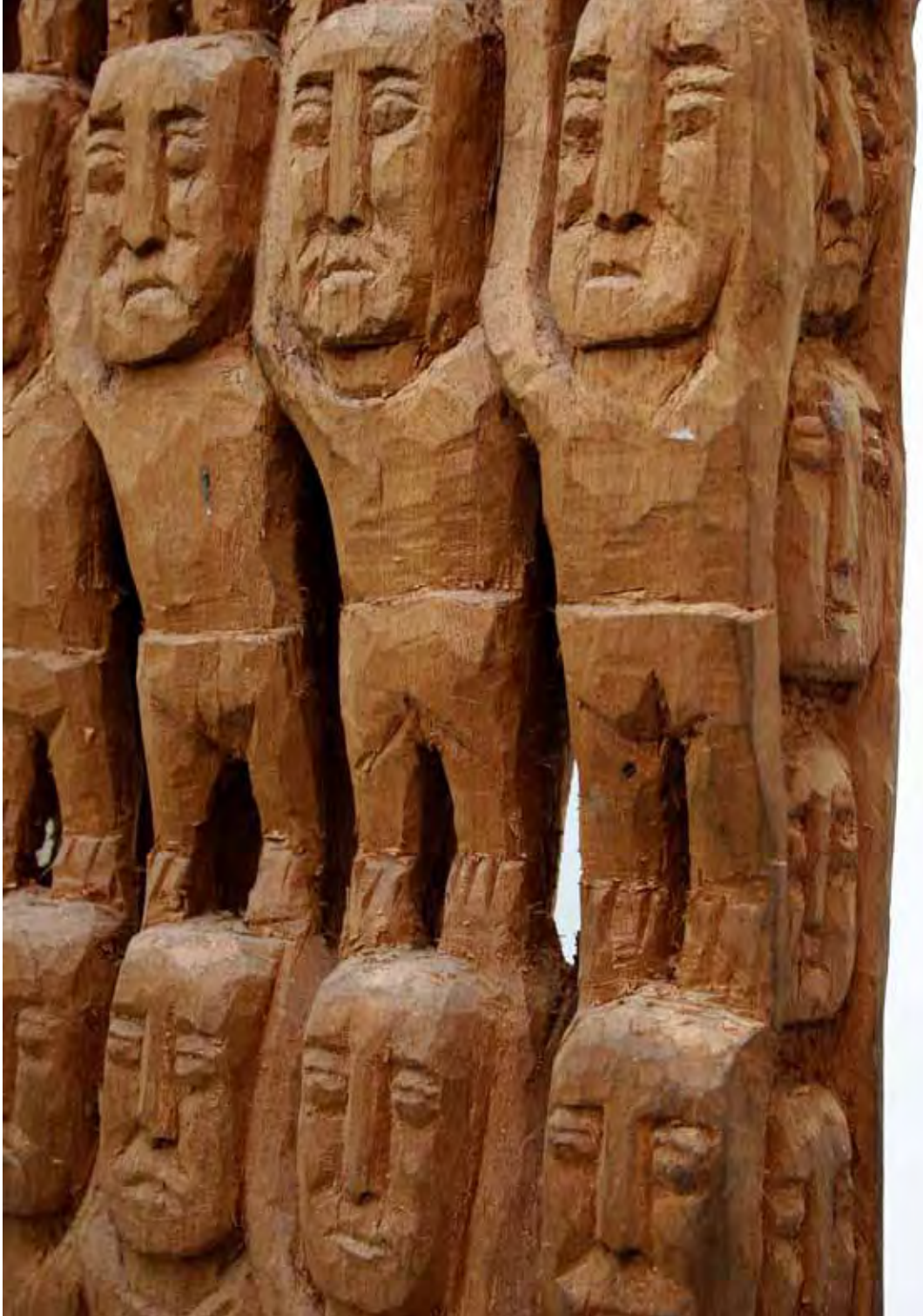
1 Sobre a concepção de "mundo encaixado" na arte popular e seus desdobramentos para a compreensão da obra de Artur Pereira, cf. "Artur Pereira: uma natureza unificada e porosa", de Rodrigo Naves (in: NAVES, Rodrigo. *Arthur Pereira – esculturas*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009, p. 26).

2 Apud *Arthur Pereira – esculturas*, op. cit., p. 107.

3 Segundo a pesquisadora Lélia Coelho Frota, "a grande repercussão da escultura de GTO, na década de 1960, estimulou outros artistas de Divinópolis a desenvolver e mostrar seu trabalho". Jadir transfere-se da área rural para a cidade em 1960, iniciando sua produção no final dos anos 1970, após um acidente que o impossibilitou de executar qualquer tarefa que requisitasse muita força física. Após algumas esculturas feitas em madeira de lenha com canivete, foi visitar GTO, que o ensinou a utilizar outras ferramentas (FROTA, Lélia Coelho. *Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro – século XX*. Rio de Janeiro: editora Aeroplano, 2005, p. 245). Todas as informações biográficas citadas no texto baseiam-se neste livro.

4 Segundo depoimento do artista, ele já estava fazendo a escultura no "sonho", antes de realizá-la na madeira: "Depois do primeiro continuei, aí eu vinha sonhando tava fazendo o Cristo, aí fiz Cristo pregado na cruz. Fiz carregando cruz nas costas. Foi uma promessa que Deus me deu, eu cumpro" (apud FROTA, Lélia Coelho. *Mitopoética de 9 artistas brasileiros*. Rio de Janeiro: editora Fontana, 1975, p. 131).

Jadir João Egídio
Madeira, detalhe
210 x 45 x 9 cm



Artur Pereira

página 16
Madeira
118 x 37 x 43 cm

página 17
Detalhe

página 18
Detalhe

página 19
Madeira
118 x 37 x 43 cm

página 20
Detalhe

página 21
Madeira
134 x 24 x 18 cm

página 22
Madeira
81 x 45 x 50 cm

página 23
Detalhe

página 24
Madeira
172x 75 x 61 cm

página 25
Detalhe

página 26
Detalhe

página 27
Madeira
172 x 75 x 61 cm

página 28
Madeira
103 x 40 x 36 cm

página 29
Detalhe

página 30
Detalhe

página 31
Madeira
103 x 40 x 36 cm

GTO
Geraldo Telles de Oliveira

páginas 32 e 33
Década de 1970, Madeira
207 x 51 x 15 cm

páginas 34 e 35
Detalhes das páginas 32 e 33

páginas 36 e 37
Madeira
86 x 44 x 10 cm

página 38
Madeira
165 x 43 x 40 cm

página 39
Detalhe

Jadir João Egídio

página 40
Madeira
114 x 38 x 9 cm

página 41
Detalhe

página 42
Madeira
114 x 38 x 9 cm

página 43
Detalhe

página 44
Madeira
210 x 45 x 9 cm

página 45
Detalhe

página 46
Detalhe

página 47
Madeira
214 x 48 x 11 cm

escultores mineiros 2011
Capa, detalhe da página 9
4ª capa, detalhe da página 38
Folha de rosto, detalhe da página 7

Galeria Estação
Diretores
Vima Eid
Roberto Eid Philipp

Curadoria
Taisa Palhares

Textos
Vima Eid
Taisa Palhares

Montagem
Taisa Palhares
Germana Monte-Mór

Desenho gráfico e produção
Germana Monte-Mór

Fotos
Germana Monte-Mór
João Liberato Páginas 24, 27 e 29

Secretaria de produção
Giselli Mendonça Gumiero

Comunicação em redes sociais
Paula Vitoria

Revisão de texto
Otacílio Nunes

Iluminação Reka

Assessoria de Imprensa Pool de comunicação

Impressão e acabamento Lis Gáfica

GALERIA ESTAÇÃO
rua Ferreira de Araujo 625 Pinheiros SP 05428001
fone 11 3813 7253 www.galeriaestacao.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Escultores mineiros / curadoria Taisa Palhares. --
São Paulo : Lis Gráfica e Editora, 2011.

Vários colaboradores.

1. Arte popular - Brasil - Exposições - Catálogos
2. Egídio, Jadir João, 1933- 3. Escultura-Exposições
4. Escultores mineiros (2011 : Galeria Estação, São Paulo)
5. Oliveira, Geraldo Telles de 1913-1990 6. Pereira, Artur, 1920-3003 I Palhares Taisa.

11-06498 CDD-730.920981

Índices para catálogo sistemático:

1. Esculturas: Arte: Brasil: Exposições
730.920981

Instituto do Imaginário do Povo Brasileiro

Presidente de Honra
Janete Costa *in memoriam*

Presidente
Vilma Eid

Vice-presidente
José Roberto Maluf Moussalli

Diretor Financeiro
Antonio Carlos Tarantino

Presidente do Conselho
Aloísio Cravo

Conselho Deliberativo
Alexandre Martins Fontes, Alex Atala, Elisabeth Maria Scheichl,
Helena Sampaio, José Nêumanne Pinto,
José Roberto Gusmão, Olga Gil, Ricardo Ohtake

Conselho Fiscal
Marcy Junqueira, Ricardo Eid Philipp,
Severino Martins da Silva Filho

apoio
Instituto do Imaginário do Povo Brasileiro

GALERIA ESTAÇÃO